

PEÇAS E PERSONAGENS DE MUSEUS EM ALAGOAS

MÔNICA CAVALCANTI LEPRI – ANTROPÓLOGA – INCRA

Alagoas é entendida neste trabalho como uma espécie de Anti-Esfinge do Brasil: precisamos devorá-la – como os Caeté ao Bispo Sardinha – se quisermos nos decifrar. Apesar de estampar o menor IDH, o maior Índice de Gini e de assassinatos do país, como cientistas sociais não podemos “ler” estes dados como produto de uma natureza perversa intrínseca aos alagoanos.

Seu pequeno território abriga as mais férteis terras do Nordeste e o mais antigo conflito agrário do Brasil: só isso já nos daria uma pista para violência tão persistente.

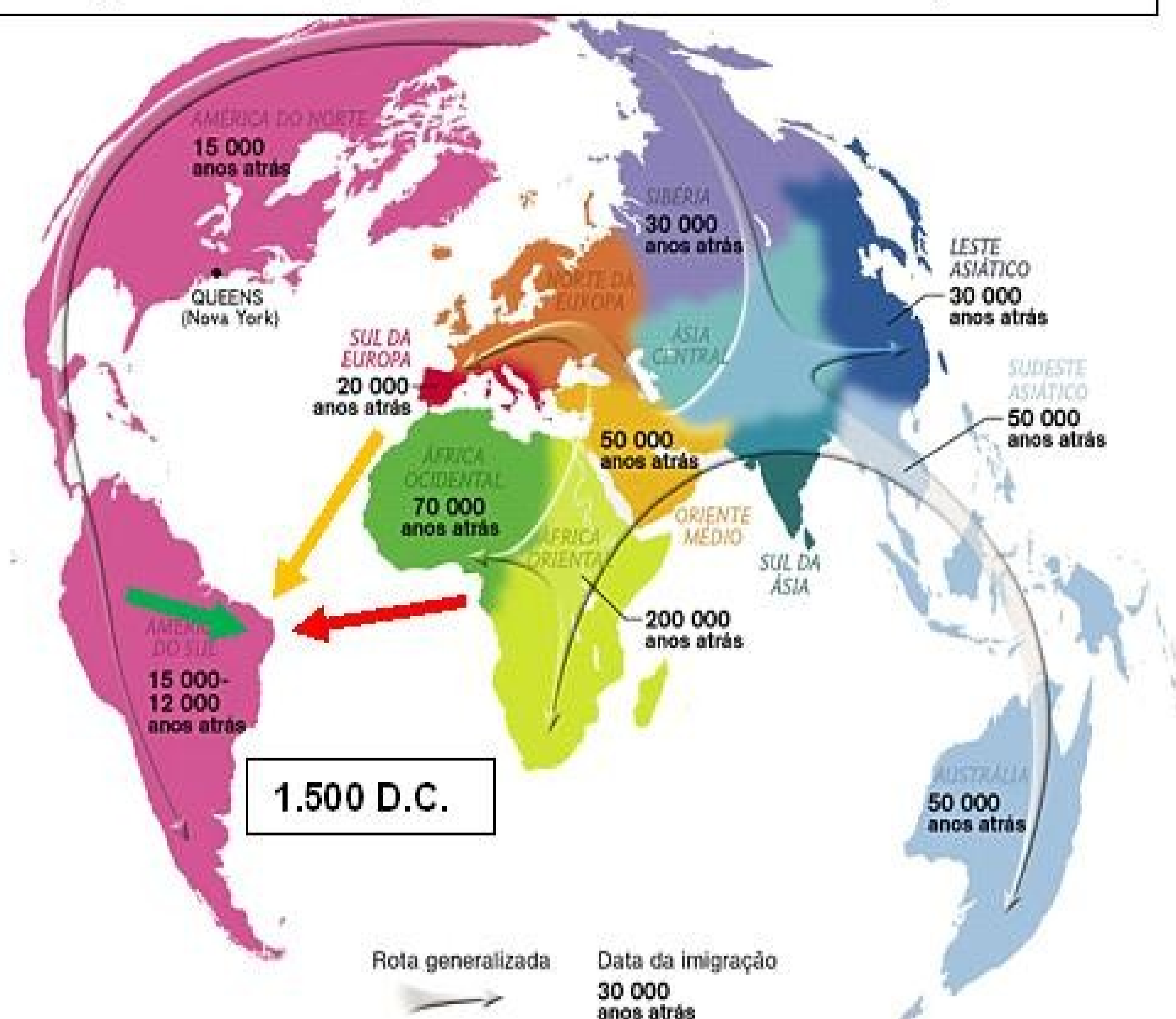
Como frutos doces e maduros da resistência a essa violência, Alagoas produziu alguns dos mais pacifistas e criativos intelectuais brasileiros: **Arthur e Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Alberto Passos Guimarães, Otávio Brandão**, todos comunistas, quase todos presos pela Ditadura Vargas, e mais recentemente **Ledo Ivo, Manuel e seu filho Cacá Diegues, Djavan....**

Na intenção de romper com os estereótipos que recalcam Alagoas a um limbo invencível, apresentamos a seguir:

- uma síntese da ancestral luta pela terra que ali continua a se dar entre nossas três etnias fundadoras (indígena, portuguesa e africana);
- 2) uma pequena foto-etnografia de instigantes Museus encontrados em seu Agreste e Sertão, onde pequenas propriedades de agricultores familiares são regra, em oposição aos latifúndios canavieiros do litoral;
- 3) uma surpresa indecifrável: a altíssima ocorrência de Presidentes/ presidenciais nascidos em seu território e arredores (**Lula**, nativo na vizinha Caetés/PE, incluído).

O surpreendente reencontro de *Homo Sapiens* pós milênios de diáspora: Embates e Combates de **Índios Tupi e Jê**, **Portugueses** e **Africanos** em Alagoas

Mapa 1: Migrações dos *Homo Sapiens*



Desfile escolar, Penedo/AL, 1968

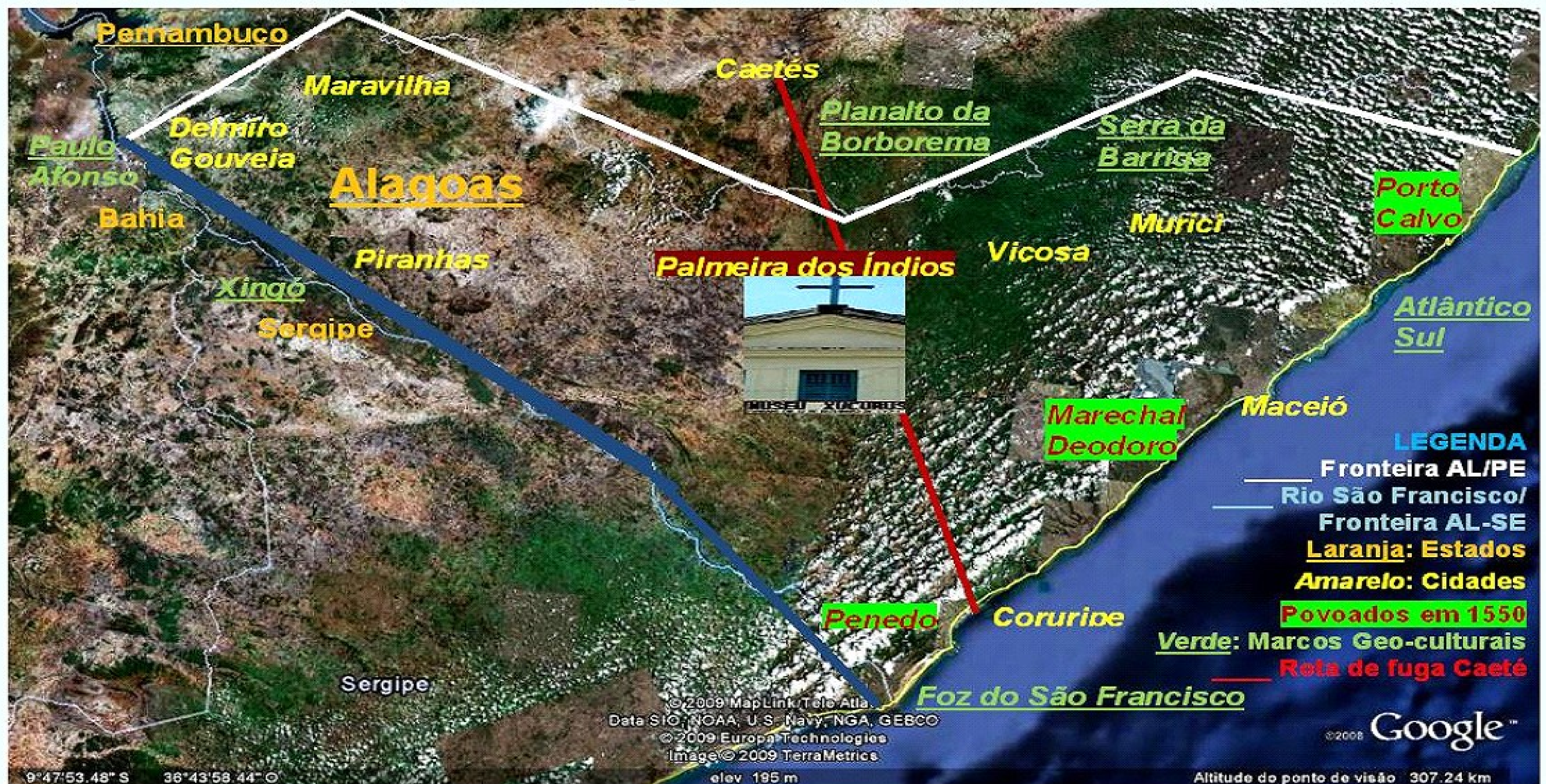


Após milênios de desenvolvimento biológico, psíquico e cultural isolado - moldando aparências e costumes, inventando comidas e religiões, decorando línguas e danças próprias - ***Homo Sapiens Tupi e Jê***, **Portugueses** e **Africanos** se deparam com suas diferenças e semelhanças nas Alagoas do séc. XVI. Do caldeirão que mistura sangue, suor, esperma, lágrimas e cachaça – sem esquecer do silencioso leite materno sem o qual nenhuma vida é possível - emerge uma sociedade marcada por uma violência física e simbólica desmesurada. Ilustrando as lições do essencial, mas problemático, Gilberto Freyre, a foto do singelo desfile escolar em Alagoas, no emblemático 1968, resume a história dessa dominação étnica, social e de gênero com uma imagem que vale mil palavras.

ALAGOAS: o mais antigo e persistente conflito por terra em Pindorama

- **Guerra Justa contra os Caeté (1556-1562):** como punição pelo banquete com o Bispo Sardinha, o Papa Paulo III excomunga os Caeté e ordena sua morte ou escravização, no que é obedecido “*com requintes de crueldade*” (Abelardo Duarte 1955). Além dos Caeté – donos do litoral desde a Ilha de Itamacará/PE até a Foz do São Francisco - inúmeras outras etnias indígenas habitavam as Alagoas do Sul. Pressionadas pelas ferozes armas que cuspiam fogo dos Portugueses, essas tribos ou se submetem aos aldeamentos, espécie de prisão sem muros, ou escalam muralhas de mata fechada e se refugiam no Planalto da Borborema, aprendendo a superar suas antigas rivalidades como forma de resistir ao extermínio total (**Mapa 3**).
- **Ocupação Holandesa (1635 - 1654):** os holandeses tentam se estabelecer nos produtivos campos e engenhos de **Penedo**, **Marechal Deodoro** e **Porto Calvo** (**Mapa 6**), com a ajuda do ambíguo **Calabar**, primeira figura emblemática de projeção nacional de Alagoas.

Mapa 6: ALAGOAS

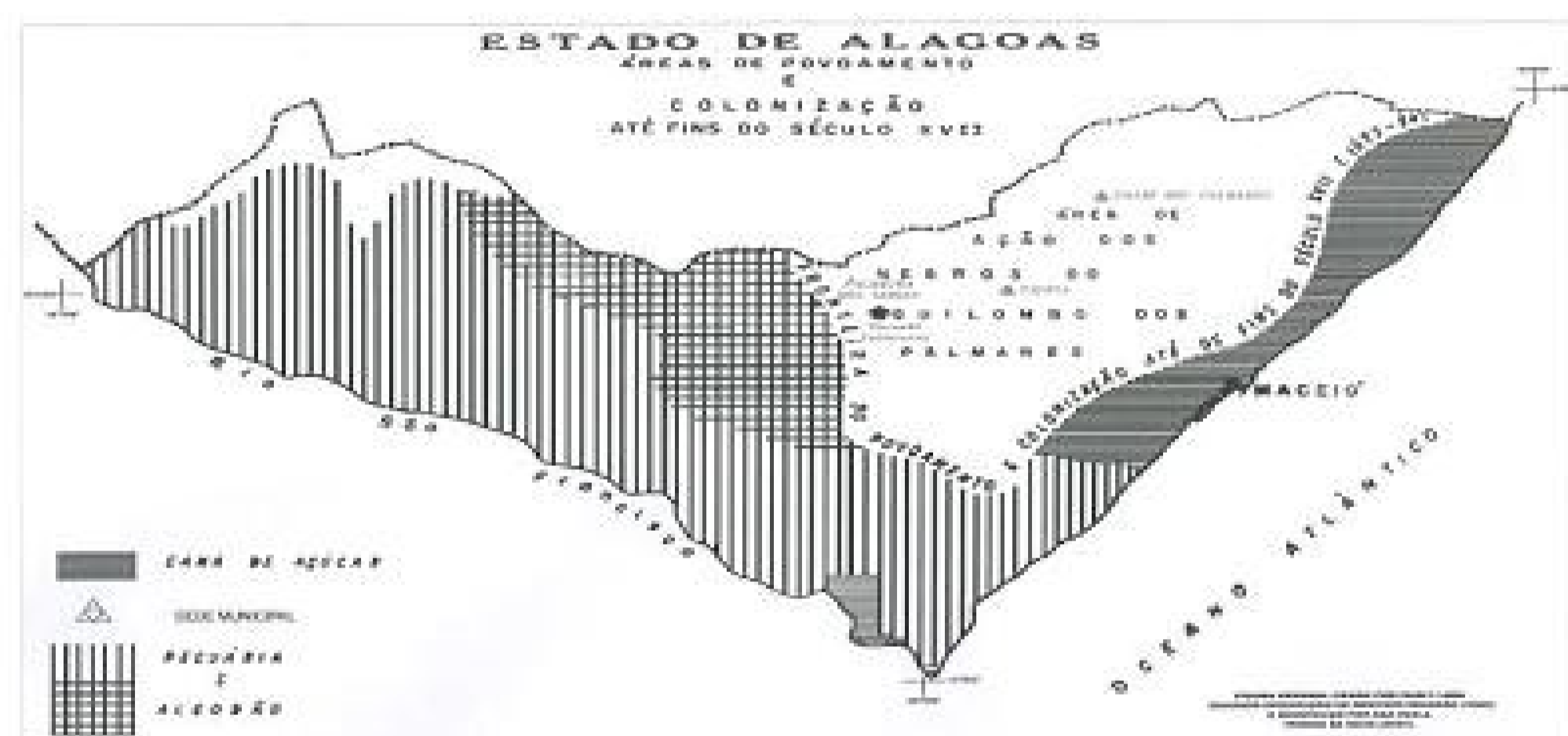


Elaboração: Mônica Lepri, sob foto de satélite do Google Earth

- **O Quilombo dos Palmares (1590-1694):** mais vinte mil “fogos” abrigavam e nutriam escravos africanos fugidos, índios expulsos de suas terras e seus descendentes (**Mapa 2**). Sob a liderança do heróico **Zumbi** resistem até sua destruição pelas flechas dos índios do bandeirante Jorge Velho, os canhões europeus de Bernardo Vieira de Melo e a tropa de negros do Terço dos Henriques.
- **Revolta dos Cabanos (1832-1850):** população mocambeira de índios, negros e brancos sem-terra se rebela e volta a aterrorizar Vilas e Engenhos com suas escaramuças guerrilheiras (**Mapa 4**).

500 anos de luta pela terra: Índios Tupi e Jê & Europeus & Africanos em Alagoas

Mapa 2: Mocambos de Palmares – séc. XVII



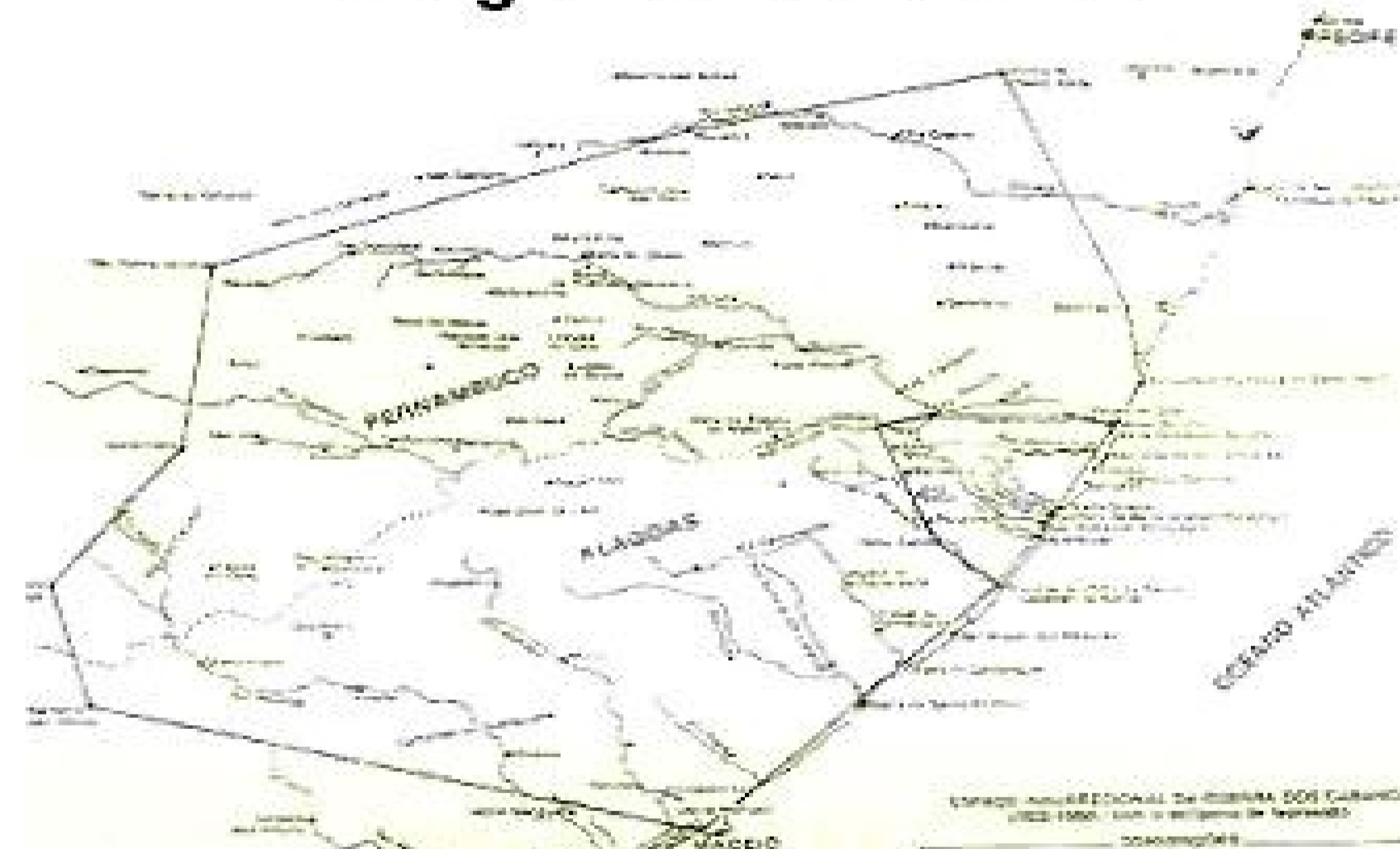
Legenda: Branco = Território do Quilombo de Palmares
Fonte: *Geografia de Alagoas*, I. Fernandes Lima (1965)

MAPA 3: Aldeamentos Indígenas – 1817



Fonte: Profª Maria Ester Silva – UFAL – 2007

**MAPA 4: Revolta dos Cabanos 1832-1850
Polígono Insurrecional**



Fonte: *A Utopia Armada* – Dirceu Lindoso

MAPA 5: Reforma Agrária em Alagoas/2003



Fonte: Superintendência Regional INCRA-22/Alagoas

- **Cangaço (1844-1938):** o historiador Luís Torres aponta guerra política entre famílias de Palmeiras dos Índios, em 1844, como o início da ciclo do Cangaço no sertão nordestino, cujo final mítico é a morte do bando de Lampião pela volante alagoana do Tenente João Bezerra.
- **Reforma Agrária (a partir de 1990):** Projetos de Assentamento, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas: a vitória final? (**Mapa 5**)

PEÇAS DE MUSEUS DO INTERIOR DE ALAGOAS

Conheci o **Museu Regional Xucurus de História Artes e Costumes** em 2006, por indicação de uma liderança da Comunidade Quilombola de Povoado Tabacaria, quando iniciava os trabalhos de campo para a elaboração do Relatório Antropológico visando a identificação e delimitação de seu território: *“Vai lá ver, doutora, como tinha negro escravo aqui em Palmeira dos Índios! Quando a senhora entrar vai ver os nego sendo torturado!”* (Fotos 2 e 3).

Nesse momento de luta pela terra, a estratégia da elite local era afirmar que ali nunca existira um quilombola. Não só a sinistra comissão de frente me assustou, mas o fato de que a Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos – construída por escravos nos seus domingos de folga entre 1805 e 1889 – tenha sido usurpada pela elite intelectual palmeirense, com o apoio da Igreja Católica, para suas finalidades narcísicas: se o acervo recolhido era sem dúvida rico e memorável, por que não ocupar qualquer outro espaço? Por que dessacralizar a bela e singela Igreja?

As fotos do Museu ajudaram a revelar a principal estratégia de resistência até então usada pelas populações negras e índias (não só as alagoanas!): a **invisibilidade**.

Em um segundo momento, curiosa de saber se o Museu Xucurus era filho único e dileto da erudita Palmeira dos Índios – que em 1928 possuía um cinema e um Prefeito que escrevia Ofícios e Relatórios como quem escreve livros, Graciliano Ramos – descobri uma miríade de pequenos Museus em cidades do interior do Estado (32 ao todo, fundados a partir de 1970).

Se alguns se resumem a passatempos fúteis de poderosas famílias locais, outros têm “estofa”: celebram histórias (algumas pré-históricas) reais e surpreendentes para os que não conhecem de Alagoas a metade!

MUSEU REGIONAL XUCURUS (1971) – PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL



F1: Igreja dos Pretos/Museu Xucurus



F2: Sinistra Comissão de Frente



F3: O Bispo atrás do Negro



F4: Trajes Xucuru-Kariri



F5: Fóssil do sertão quando mar



F6: Armas da elite local e peças de ceramica Xucuru



F7: Lampião e sua Bíblia

Foi indispensável uma rigorosa – e dolorosa - seleção dos museus a apresentar, dada a riqueza do material recolhido. Assim, além do Museu Xucurus iremos “visitar”:

-Museu Paleontológico de Maravilha (2007): na cidade do mesmo nome no Sertão alagoano foram recentemente encontrados fósseis da mega-fauna que perambulava pelas altas serras locais (800m) até 10.000 anos atrás. A Prefeitura montou o Museu e espalhou esculturas de preguiças, tigres gigantes pela cidade e campos.

- Museu do Sertão (1982): na bucólica – apesar do nome – Piranhas, a peça emblemática são as cabeças do bando de Lampião (Foto 18) esteticamente arrumadas na escadaria do prédio da Prefeitura, instante eterno do mítico passado.

MUSEU PALEONTOLÓGICO DE MARAVILHA (2007) – Sertão de Alagoas



F14: Vértebra de mastodonte

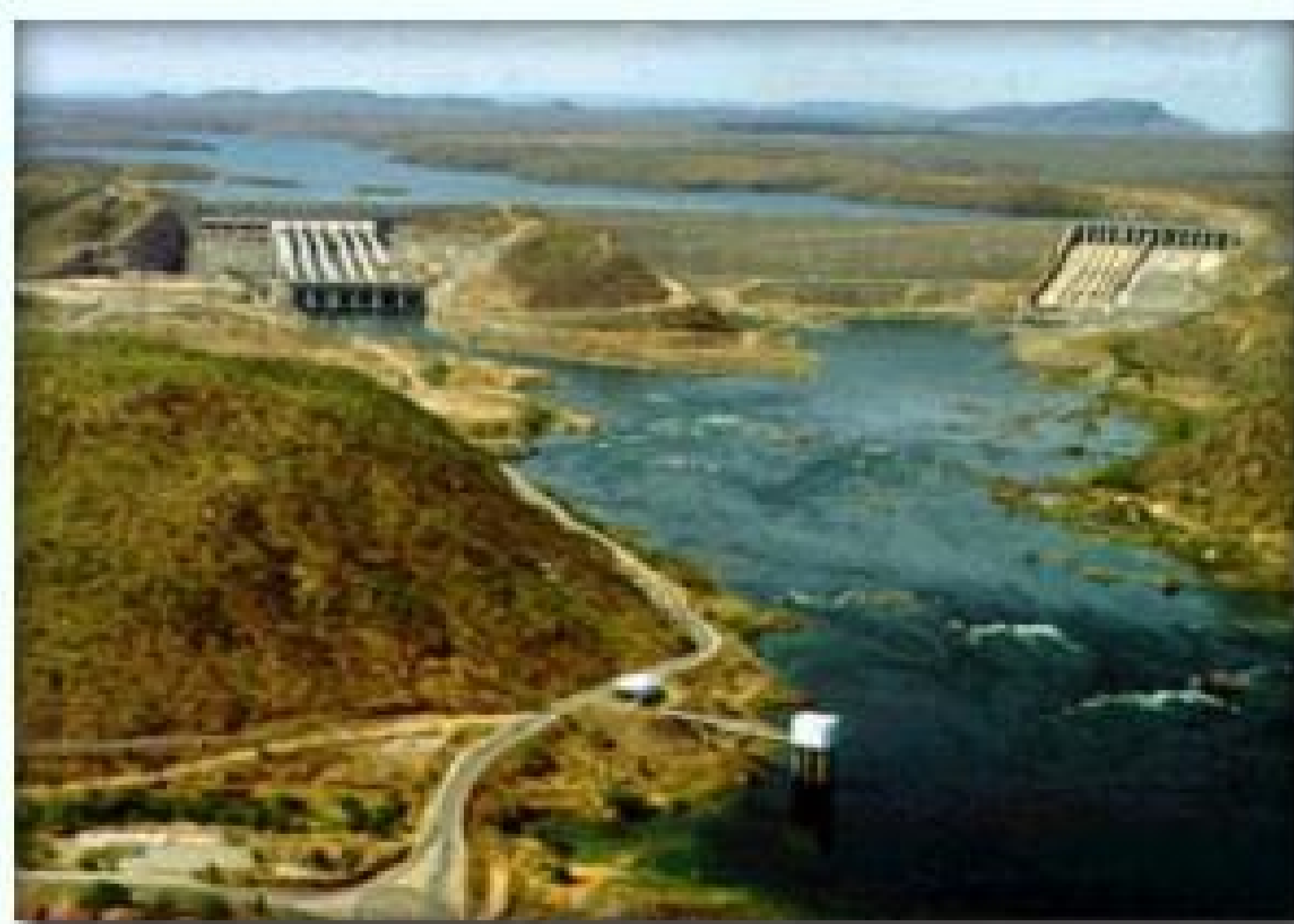


F15: Preguiça gigante



F16: Paisagem desde caverna da região

MUSEU DO SERTÃO (1982) - PIRANHAS – AL



F17: Hidroelétrica de Xingó/AL-SE



F 18: Foto-síntese da violência



F19: Museu com o belo “Chico” aos fundos

Museu Arqueológico de Xingó (2000):

UFS/CHESF/PETROBRÁS: situado em Canindé do São Francisco/SE, em frente à Piranhas/AL, resulta de surpreendente achado realizado durante a construção da Hidroelétrica de Xingó: mais de 200 sítios arqueológicos (Foto 9) dos até então desconhecidos humanos que habitavam a região há dez mil anos

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (2000) - Canindé do São Francisco/SE



F8: Martelo de Pedra



F9: Sítios Arqueológicos/Baixo S. Francisco



F10: Maceração de ervas e sementes



F11: Sepultamento ritual



F12: Representação de achado arqueológico



F13: Pintura rupestre

Museu Delmiro Gouveia (1989):

o acervo contando a vida e obra do empresário-mártir não deixa esquecer um outro destino possível das Alagoas, para além das tocaias dos pistoleiros de aluguel e de seus covardes mandantes.

MUSEU DELMIRO GOUVEIA/1863 – 1917 (1989) – Sertão de Alagoas



F20: Cachoeira de Anglquinho/Gravura séc. XVIII



F21: Usina de Pedra - 1913



F22: Fábrica de Linhas Estrela – 1915



F23: Filhos de Delmiro Gouveia



F24: Local do assassinato



F25: Descaroçadeira de algodão

ALAGOAS: uma desconcertante densidade de presidentes por km²

Ao lado dessas verdadeiras “peças” de museus espalhadas pelo interior de Alagoas, sorrateiramente alguns (futuros e pretéritos) personagens de museu foram se insinuando no horizonte da pesquisa. Quando ela se iniciou – outubro de 2006 – descobri que em um raio de 100 km ao redor de Palmeira dos Índios haviam nascido quase todos os protogagonistas máximos dos destinos políticos do país naquele momento:

- O **Presidente do Senado** era **Renan Calheiros**, nascido em Murici (Mapa 6).
- O **Presidente da Câmara** era **Aldo Rebelo**, nascido em Viçosa (Mapa 6).
- A **candidata a Presidência da República** mais diferenciada e aguerrida da eleição de 2006 – **Heloísa Helena** - cuja votação contribuiu para que ocorresse um segundo turno (6.575.393 votos, quase 7% do total), nasceu em Pão de Açúcar, às margens do São Francisco, e passou sua infância e juventude estudando na erudita Palmeira dos Índios.
- O candidato eleito Governador das Alagoas, o mais jovem Senador da República, nascido em Viçosa, **Teotônio Vilela Filho**, que acabara de deixar um longo mandato como **Presidente Nacional do PSDB**.

E ainda, em tempos mais e menos remotos, devemos citar:

- **Teotônio Vilela**, pai, também de Viçosa, que pode ser metaforizado como um dos “presidentes” do processo de superação da Ditadura Militar, a quem Milton Nascimento dedicou a canção “**Menestrel das Alagoas**”, hino - junto com “Coração de Estudante” – da Campanha das Diretas-Já: “**De quem essa ira santa/Essa saúde civil/Que tocando a ferida/Redescobre o Brasil?/Quem é esse?**”
- Sem esquecer os dois primeiros e o oitavo Presidente da República do Brasil – **Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e Hermes da Fonseca** – únicos **Marechais** entre os Presidentes da República Velha.
- Por último, mas não menos importante, “elle”, o alagoano roxo nascido no Rio de Janeiro que teve a honra de ser o primeiro Presidente eleito pelo voto direto do povo depois da Ditadura e a desonra de ser o único a sofrer um *impeachment* : **Fernando Collor de Mello**.

Personagens de um museu a céu aberto: Presidentes da região de Palmeira dos Índios (sem legendas...)



Palmeira dos Índios – 2009



À procura de uma conclusão (ainda) impensável...

No começo dessa démarche pretendia usar as idéias de Gregory Bateson e de Mikhail Bakhtin para costurar dados etnográficos sobre os museus do interior de Alagoas. Mas os achados foram tão desconcertantes que apenas os retalhos são expostos aqui, cada um no seu quadrado... Procuro, então, concluir o que não sou capaz de teorizar voltando ao ponto de partida da história: os **Caeté**. Ao fim de seu primeiro romance, que assim se chama – **Caetés - Graciliano Ramos** pergunta:

“Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes. E eu disse que não sabia o que se passava na alma de um caeté! Provavelmente o que se passa na minha, com poucas diferenças: um caeté de olhos azuis, que fala português ruim, sabe escrituração mercantil, lê jornais, ouve missas.”

A aldeia Caeté que canibalizou Dom Pero Sardinha e sua comitiva ficava na foz do **Rio Coruripe (Mapa 6)**. Com a decretação da “Guerra Justa” pelo Papa, presume-se que os Caeté sobreviventes tenham subido o rio até suas nascentes em Palmeira dos Índios, no hoje **Território Quilombola de Povoado Tabacaria**, onde para mim toda essa história começou...

Menos de cem quilômetros adiante, já Estado de Pernambuco, encontramos no **Município de Caetés** as nascentes do caudaloso Rio Paraíba, que deságua na Lagoa de Manguaba, à beira da qual fica a cidade de **Marechal Deodoro** (imaginem porquê!). No **Mapa 6**, a trajetória de fuga dos índios Caeté, que para nós, nesse trabalho, é tão real quanto a realidade pode ser...

Na pequena Caetés - pernambuca por geografia, mas quem sabe, talvez, possivelmente, “alagoana” de coração - nasceu e viveu sua infância sob o olhar amoroso da mãe e sem o peso da violência do pai nosso **Presidente Lula**, o mais profundo de todos os Presidentes oriundos da região em torno de Palmeira dos Índios, coração físico e espiritual de Alagoas, ponto de encontro do podre de rico **Litoral**, canavieiro e latifundiário, com o **Agreste** e o **Sertão** coalhados de minifúndios, no qual as famílias agricultoras padecem as secas e festejam as chuvas que transformam a Borborema em um milagre verde...

Cinco séculos depois do evento que começou a reunir, em mesmo e único globo, grupos humanos há milênios esquecidos de sua origem comum, nos deparamos com essa **incógnita sociológica**: como de uma pobreza, desigualdade e violência extremas brotam indivíduos que fazem da política sua missão e sua profissão, com tão singular verve e competência, tanto para o bem quanto para o mal?



PADIM CÍCERO – BORDA SUL DA BORBOREMA - PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AGRESTE DE ALAGOAS

Disse o poeta Maurício de Macedo que, em nossa terra natal, Alagoas, “*natureza, mito e história*” parecem e aparecem – contra todos os alertas nervosos da teoria social – como um “*mágico desdobrar da geografia*”...

Minha gratidão profunda aos colegas do **INCRA-Alagoas**, pela acolhida afetuosa e o apoio técnico seguro e competente e aos **Quilombolas da Comunidade de Povoado Tabacaria**, pela partilha de tantas histórias sobre nós mesmos.

Dedico esse trabalho à memória de **VERA ARRUDA** - bela, criativa e agreste como sua Palmeira dos Índios natal; e de meu **PAI**, origem para mim de toda essa herança.